

---

## O JOGO DA LINGUAGEM NA PEDAGOGIA LÚDICA

Gloria PONDÉ<sup>1</sup>

**RESUMO:** O artigo procura reafirmar a importância da linguagem no processo educativo, destacando as relações entre linguagem, texto, leitor e interpretação e mostrando que o exercício da leitura e da escrita de modo transdisciplinar pode instrumentalizar o aluno não só para articular saberes diversos, de forma orgânica, mas também possibilitar-lhe certa tomada de consciência como sujeito do seu discurso. Propondo a prática de uma pedagogia lúdica, o texto enfatiza a importância da literatura na escola.

**UNITERMOS:** Transdisciplinaridade; discurso polissêmico; linguagem, texto, leitor, interpretação.

Parece haver consenso sobre a importância da linguagem na educação, tanto por causa da comunicação, quanto pela construção do conhecimento; assim como existe um acordo geral acerca de suas implicações com a leitura e a escrita. Com isto, escoradas numa relação interativa, muitas propostas teórico-metodológicas têm aparecido, objetivando transformar as práticas docentes autoritárias em atividades prazerosas. Às vezes, pensa-se que a interação está ocorrendo, mas ela não passa de um mero artifício de liderança de turma ou de entretenimento, porque não se está encarando o jogo da linguagem pelo enfoque da hermenêutica contemporânea.

---

<sup>1</sup> Profª. Drª. da Universidade Federal Fluminense. 24220-000 - Rio de Janeiro - RJ.

Entendendo a didática como arte de ensinar, tem-se valorizado o *modo* de produção do saber, através de estratégias bem sucedidas de formação do aluno, sem compreender as *causas* da fabricação do conhecimento, nas sociedades modernas. Por isso, este *como ensinar com sucesso* só poderá transformar o professor em sujeito de sua prática, deixando de ser um mero reproduzidor de fórmulas alheias, se o mestre entender, com profundidade, o significado do discurso.

Deste modo, procuraremos iluminar algumas concepções de linguagem, texto, leitor e interpretação, na tentativa de esboçar uma *pedagogia lúdica*, voltada para a produção textual, com ênfase na literatura. Escolhemos o termo pedagogia, porque envolve um processo mais amplo que o da metodologia de ensino de língua, com suas estratégias muito valorizadas. Tomamos, ainda, de empréstimo o conceito *lúdico* à análise do discurso, por designar um tipo de linguagem que estimula o receptor a criar mais livremente o sentido do texto. Por isso, insistimos numa abordagem teórica da linguagem, pois, ao perceber a importância dela, em nossa época, o professor terá mais condições de produzir seus próprios métodos de ensino e inseri-los numa rede mais extensa de conhecimentos. Como veremos a seguir, tal procedimento não se limita ao espaço de uma única disciplina específica (o ensino de língua); permitindo, pois, que se trabalhe a leitura e a escrita de modo transdisciplinar, ou seja, que o aluno consiga articular saberes diversos, de forma orgânica, e os transforme num conhecimento original e de sua autoria. Nesse sentido, superamos a fragmentação dos conteúdos e estabelecemos uma relação de interlocução que ultrapassa as fronteiras da sala de aula e da escola, para nos voltarmos a um mundo em constante expansão de informações. Trata-se de uma pedagogia que responde, historicamente, ao contexto da pós-modernidade, influenciado pelos meios de comunicação de massa, pela reprodução tecnológica caracterizada pelos simulacros, pelas possibilidades de aplicação da informática ao cotidiano e pela dominância da cultura urbana.

Cabe lembrar que, na civilização do consumo, busca-se conquistar o consumidor, para aumentar as vendas e o lucro. Assim, nossa época tenta irracionalmente seduzir o receptor, utilizando inúmeros códigos, para induzi-lo à compra de qualquer produto. Como resistir a esse controle do imaginário? Valorizando o leitor como autor e não como um passivo consumidor. Isto traz conseqüências para um enfoque histórico da linguagem, porque está inserida num processo de comunicação social e, por isso, atravessada por relações de poder. E o poder, hoje, para se manter e exercer o controle, não precisa mais utilizar basicamente as instituições tradicionais (família, escola, prisão, hospício, etc) de normatização da vida. Ele se manifesta diretamente em cada indivíduo, através da tecnologia de comunicação e de uma auto-censura. Daí a linguagem poder estar a serviço tanto da alienação quanto da emancipação, dependendo das intenções com que for emitida. A análise das condições de produção do discurso (sua historicidade) é que vai permitir o surgimento do leitor crítico. Que armadilhas o texto trama, então, para enredar o leitor?

Para os semiólogos ou estudiosos da comunicação, linguagem é qualquer sistema organizado de comunicação que utiliza signos, tanto verbais quanto não-verbais. Qualquer objeto, forma ou fenômeno que não represente a si mesmo é um signo. Vivemos imersos em signos. A linguagem é, portanto, um sistema de representação; logo pertence ao plano simbólico. Tal conceito de linguagem nos aproxima de outras disciplinas, como a psicologia, sociologia, filosofia, semiologia, etc. ao levar em conta o sujeito sempre em interação dialética com sua realidade individual e social.

Entretanto, o professor nem sempre está consciente de que em todo processo pedagógico existe sempre uma posição teórica, que implica numa relação epistemológica sujeito/objeto. Isto quer dizer que, por trás de uma posição teórica, há uma forma de conceber o conhecimento e o sujeito nas relações com o mundo social, afetivo e cognitivo, que se expressam sempre por meio da linguagem. Assim, o próprio ser humano é constituído pela linguagem, à medida que ele é uma representação cultural. A linguagem não é apenas o traço essencial do

homem, ela lhe dá sentido e o diferencia dos demais seres vivos, uma vez que através dela o indivíduo se apodera das coisas e se exprime.

Como as pessoas precisam atribuir significação a tudo que lhes rodeia, vivem constantemente realizando leituras, de naturezas e níveis distintos. Leitura é, pois, o trabalho de atribuição de significado por alguém. Aí, voltamos a atenção para um personagem negligenciado pela teoria literária tradicional: *o leitor*. No ato de ler, ocorre o encontro entre autor, leitor e crítico, confronto dialógico que ganha corpo no momento de atualização do texto. E ninguém se aproxima de um texto com olhos livres ou ingênuos, mas sim a partir de um ponto de vista historicamente situado. Como uma partitura, um texto deve ser “executado”, para ganhar vida através da interpretação do leitor.

Quando um leitor tem condições de criticar um texto, parte já armado de *um horizonte de expectativas* próprio, baseado na sua boa experiência de leitura. Por outro lado, o texto, quando concebido, já apresenta apelos a este saber prévio, delineando um modelo de *leitor implícito*. Eis o nó da questão da estética da recepção: o *efeito* produzido por um texto pode contrariar ou reafirmar as disposições iniciais do leitor. Se a obra reforça o que já existia antes, é banal. Se, de outro modo, provoca o receptor a descobrir algo subentendido, começa a estabelecer a ruptura na subjetividade, pois instiga à novidade de procedimentos, que incitam a reflexão e minam a rotina da fruição automática e confirmadora do sujeito, obrigando-o a repensar a obra e a si mesmo. Neste ponto, o texto plurissignificativo é uma abertura para o outro e a diferença, entendida como uma relação de complementaridade sem hierarquia. Sem dúvida, cada modalidade de texto escolhe o seu leitor. Cabe, portanto, à pedagogia instrumentalizar o *leitor real* a lidar com os diversos níveis de *leitor implícito* no texto. Aliás, U. Eco (1989) observa que há dois tipos de texto: um que se oferece a um consumo fácil e outro que prevê um leitor que deva reconstituir todo o seu aparato de leitura. Propõe, com isto, dois modelos de leitor: o primeiro é a vítima designada pelas próprias estratégias enunciativas, o segundo é o leitor crítico que ri do modo pelo qual foi levado a ser a vítima designada. E que significa

satisfazer ou provocar um *horizonte de expectativas*? Esta noção está relacionada ao patrimônio do saber, tanto coletivo quanto individual, ou seja, diz respeito à enciclopédia ou conjunto de conhecimentos de um certo público. Aí, entra o papel da educação, para estabelecer as mediações entre textos de natureza variada e leitores de diferentes níveis de repertório. A iniciação ao universo da escritura exige uma sutileza de níveis que devem ser trabalhados na sala de aula, na produção editorial e também nos meios de comunicação de massa voltados para uma proposta educativa emancipadora. É pelo jogo entre formas simples e complexas que a pedagogia lúdica ajudará o aluno a penetrar em textos mais densos, através da ênfase no trabalho com a literatura.

Considerando o texto como qualquer unidade de sentido, privilegiamos aqueles que podem provocar a ruptura no sujeito e a isso denominamos literatura. A literatura utiliza um discurso polissêmico ou lúdico, que foge ao controle da interlocução, permitindo que o leitor jogue livremente com os significados do texto e revertendo, inclusive, as intenções do emissor. E, se a leitura é uma prática, o leitor deve ser levado a experimentar as mais variadas formas de linguagem, para tornar-se crítico. Só se aprende a ler, lendo.

Tal oficina literária apresenta-se como um espaço privilegiado para a leitura prazerosa e para a prática de metodologias de formação do leitor, centrada na pedagogia lúdica. Para tanto, abandona a interpretação imanente, isto é, aquela que valoriza apenas o que está contido no texto, a fim de considerar a intervenção exterior dos sujeitos históricos.

No enalço da hermenêutica literária de Gadamer (1985), que valoriza a experiência estética e a categoria aristotélica da identificação catártica como possíveis meios de emancipação do leitor, a oficina literária também aborda a questão da mulher. A ênfase no discurso feminino é dada por considerarmos que é constituído basicamente de mulheres o universo da educação fundamental, no Brasil. Assim, ao trabalharmos a perspectiva feminina na leitura da mulher-professora, buscamos que ela se identifique com os perfis e os

problemas culturais, para discuti-los. O estudo da mulher, como categoria sociológica, é visto como possibilidade de construção de uma outra ordem social, baseada na complementaridade e na diferença, e não mais na exclusão exigida pelo sistema capitalista que determinou o processo da modernidade até então. Sempre tomando por base a linguagem, buscamos investigar as condições e os efeitos da leitura da mulher-professora, através da *literatura de iniciação* (literatura infantil). Como a teoria literária influenciada pelos pressupostos da análise do discurso e da estética da recepção privilegiam a instância do leitor e reconhecem a interpretação como fonte de estudo do problema da leitura, tomamos por base teórica a hermenêutica literária.

A hermenêutica literária se fundamenta na capacidade compreensiva de abertura para a alteridade. Nela, a leitura está fundada sobre uma curiosidade primeira, uma disponibilidade para o prazer daquele que é radicalmente outro. Com isto, surge uma modalidade cognitiva original, cujo fundamento consiste em encontrar, na eleição e na leitura da obra, as transformações que o leitor procura, em termos de prazer e conhecimento. O conceito de significação foi um novo passo, na valorização da recepção do texto, à medida que resulta da operação dialógica entre a obra e o leitor. Este é o pólo adverso do texto, na interação com o receptor, pois o que transforma o texto em obra, o que lhe dá significação é a experiência, o ato de leitura realizado pelo receptor. Assim, a interpretação transformou-se numa prática, em nosso século. Para Gadamer, ela se tornou uma filosofia da práxis que se abre para o outro. A teoria é, portanto, uma ação (prática) simbólica de abertura para a diferença, que se viabiliza pela intimidade com o texto polifônico, que renega a paráfrase e o discurso do mesmo. A experiência estética é uma ação de transformação do sujeito e o emprego da arte na educação vem de encontro com a concepção artística de Gadamer. Para este filósofo alemão, a arte deve ser entendida como jogo, que pressupõe a gratuidade de uma parceria, como um símbolo - que representa o resgate da unidade do sujeito e como festa, que pressupõe a participação coletiva.

Na esteira dessas concepções de linguagem e interpretação, a oficina literária procura trabalhar a leitura da professora, para torná-la numa mediadora crítica da interpretação, com seus alunos. Por isso, dá-se muita importância à narração para a constituição do sujeito, através da vivência com a linguagem, em suas possibilidades várias. Jogando com vários modelos e rituais de leitura, utilizamos a arte como militância, para a construção de uma rede de leitores críticos e de uma utopia feminista. Para isso, resgatar as emoções esquecidas pela racionalidade instrumental é o fundamento da resistência ao consumo e o alicerce do sonho. Com isto, a literatura realiza os fantasmas individuais e sociais, através de um projeto histórico. Reúne, portanto, os atributos do sonho, da fantasia e do mito e soma mais um. Ela não é apenas a materialização das pulsões individuais, mas também das pulsões sociais. Daí ela ser uma linguagem antecipatória e engendradora da utopia, entendida como uma projeção do futuro.

PONDÉ, Glória. *The language game in ludic pedagogy*. **Instrumento Crítico**. Vilhena, 1: 97-103, 1998.

**ABSTRACT.** This article tries to reaffirm the importance of language in the educative process, emphasizing the relationships among language, text, reader and interpretation, showing that the use of reading and writing in a transdisciplinary way not only can give the student instruments to articulate various types of knowledge in a organic way, but also can lead him to make up his mind as subject of his speech, by proposing the practice of a ludic pedagogy, the text stresses the importance of literature in school.

**KEY-WORDS:** Transdisciplinary; ambiguous discourse; language, text, reader, interpretation.

## Referências bibliográficas

ECO, Umberto *O texto, o prazer, o consumo*. In: **Sobre os espelhos e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GADAMER, Hans Georg. **A atualidade do belo: A arte como jogo, símbolo e festa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.

\_\_\_\_\_. **A razão na época da ciência**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_ et alii. **A literatura e o leitor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.